

Um caso de concordância com tópico: a expressão de plural em verbos meteorológicos no interior de orações relativas

Igor de Oliveira Costa (PUC-Rio)
Marina R. A. Augusto (UERJ/PUC-Rio)

RESUMO: Este artigo tem por finalidade relatar os resultados colhidos em um experimento *offline* de eliciação de sentenças relativas a partir de preâmbulo e verbo da relativa definidos, com falantes do Português Brasileiro. Objetivou-se observar o comportamento dos falantes em relação à flexão de verbos meteorológicos inseridos nas relativas. Considerou-se a formação de relativas padrão ou não-padrão. Observou-se que os verbos meteorológicos aparecem equivocadamente flexionados no plural, de maneira estatisticamente significativa, quando o antecedente da relativa é um DP plural, particularmente se este DP está inserido em um PP.

PALAVRAS-CHAVE: Relativas, Processamento, Verbos Meteorológicos, Concordância.

1) Introdução

O presente trabalho tem por finalidade apresentar os resultados obtidos em uma pesquisa preliminar sobre a possível concordância de verbos meteorológicos, quando inseridos em uma oração relativa, com o antecedente do pronome relativo que encabeça tal estrutura. Como se sabe, é consagrado pela Gramática Tradicional (GT) que os ditos verbos meteorológicos, chamados também verbos de fenômenos da natureza (*chover, nevar, trovejar, ventar, fazer sol* etc.) são verbos impessoais. Assim, de acordo com a Gramática Tradicional, tais verbos não possuiriam sujeito, constituindo, portanto, orações sem sujeito (Cunha & Cintra, 2001, p.129).

A Gramática Gerativa, no entanto, de acordo com o Princípio de Projeção Estendido, postula que toda sentença possui uma posição de sujeito. Dessa forma, os ditos verbos meteorológicos teriam, para manter a coerência da teoria, de apresentar tal posição. Assim, mesmo em casos de verbos como os de fenômenos da natureza, o sujeito deveria existir, expresso fonologicamente ou não. Tais sujeitos, contudo, seriam de caráter puramente sintático, não recebendo do predicador qualquer papel- θ e não sendo referenciais. Configurar-se-iam, assim, como um sujeito expletivo e, portanto, levariam o verbo à terceira pessoa, tais como o inglês e o francês, quando apresentam expletivos lexicalizados.

- (1) [_{expl} It] is raining.
- (2) [_{expl} It] pleaut.
- (3) [_{expl} Ø] Anoiteceu cedo.
- (4) Ontem [_{expl} Ø] choveu muito.

É interessante notar, contudo, que há, hoje, uma quantidade de dados espontâneos nada desprezível em que os verbos meteorológicos aparecem, em sentenças relativas, flexionados na terceira pessoa do plural. Isso parece ocorrer quando tais verbos se encontram no interior de orações relativas não preposicionadas, característica típica do Português

Brasileiro, sendo que o antecedente do pronome relativo que encabeça tais orações está no plural, tal como o exemplo (5), abaixo, colhido em um blog na internet¹:

(5) Ranking das cidades_i [que_i mais choveram nos últimos dois meses].

Como se pode ver, há a supressão da preposição que deveria introduzir o pronome relativo (...cidades **em** que choveu...) e, com isso, o verbo parece tender a flexionar-se em concordância com o antecedente. O presente trabalho, portanto, levantará hipóteses sobre as motivações processuais de tal fenômeno, partindo de um teste psicolinguístico *offline* de eliciação.

Na segunda seção, apresentaremos uma breve explanação sobre as orações relativas do Português Brasileiro, suas demandas de processamento e a hipótese de que são geradas a partir de uma posição de tópico ou Deslocamento à Esquerda. Na terceira seção, apresentaremos o *design* do teste por nós elaborado e o método de que nos valem. Na seção seguinte, apresentaremos os resultados obtidos e, por fim, levantaremos uma breve hipótese explicativa para dar conta dos dados, levando em conta, sobretudo, questões de processamento de orações relativas.

2) Fundamentação teórica

Há uma vasta bibliografia sobre a estrutura conhecida como oração relativa no Português Brasileiro (PB), surgida principalmente após a pesquisa seminal de Fernando Tarallo (*apud* Kato, 1996). De acordo com esse autor, o que se tem no PB é, resumidamente, a presença de três estruturas relativas: a relativa padrão (ou *pied-piping*), a relativa copiadora e a relativa cortadora, conforme os exemplos em (6), (7) e (8), abaixo. A primeira caracteriza-se pela manutenção da preposição, no exemplo citado mantém-se a preposição **de**, advinda da regência do verbo da relativa; a segunda pela ausência da preposição junto ao pronome relativo em favor da sua manutenção na posição de origem, junto a um pronome resumptivo – **ela**, em **dela**; e a terceira pelo apagamento da preposição acrescido da presença de um pronome nulo no lugar do objeto do verbo, termo relativizado.

(6) A menina [**de** que eu gosto] foi embora.

(7) A menina [que eu gosto **dela**] foi embora.

(8) A menina [que eu gosto Ø] foi embora.²

De acordo com Tarallo (*apud* Kato, op. cit.), a estratégia cortadora é a mais produtiva no PB, enquanto a copiadora é pouco utilizada. A tese de Correa (1998) confirma essa hipótese através de uma pesquisa com alunos, mostrando que eles passam a dominar a estratégia padrão apenas quando estão no Ensino Superior³.

¹ Acessado em <<http://carvalhoaldo.blogspot.com/2011/01/as-dez-cidades-que-mais-choveram-nos.html>> no dia 29/03/2011, às 10h38.

² Para mais detalhes, remetemos o leitor para a bibliografia pertinente, principalmente Bagno (2004) e Azeredo (2008), para os que não têm familiaridade com o método de análise da gramática gerativa, e Kato (1996) e Kato & Nunes (2009), para os que se sentem à vontade com esse método.

³ Confronte, nesse sentido, a *Tabela 4.1: Distribuição dos tipos de relativa por série do 1.º grau, não-escolarizados e falantes universitários em narrativas orais* e a *Tabela 4.4: Tipos de relativa por nível de escolaridade em narrativas escritas*, ambas em Correa (1998).

A hipótese de Kenedy (2008: 93), por sua vez, vem a confirmar esses dados, mostrando que as relativas *pied-piping*, ou seja, aquelas em que o pronome relativo vem precedido de uma preposição, não fazem parte da “competência linguística natural dos indivíduos”, pois elas violam “certas condições de economia do Sistema”⁴. Dessa forma, essa estrutura seria típica da cultura escrita. Produzi-la seria, na verdade, uma habilidade cultural dos falantes e não uma habilidade estritamente linguística.

Em acréscimo a isso, é preciso lembrar que Kato (idem), na contramão de Tarallo – que afirmava ser o **que** introdutor da oração relativa apenas um complementizador, núcleo de CP –, afirma ser esse termo, na verdade, um pronome relativo, como já vinha sendo visto na literatura desde há muito, inclusive na Gramática Tradicional (GT). Levantando dados diacrônicos, a autora apresenta evidências fortes para confirmar a sua hipótese, principalmente ao mostrar que, no português arcaico, pronomes relativos com marca de caso clara (**quem**) poderiam encabeçar sentenças nas quais figura um pronome resumptivo. Ora, visto que complementizadores não carregam marcas de caso, tais termos só poderiam ser, mesmo, pronomes relativos. Aplicando tal evidência às relativas do PB atual, a autora conclui que o **que** é, portanto, mesmo em relativas copadoras, um pronome relativo sem marca fonológica de caso.

É interessante notar, também, que Kato (ibidem) e Kato & Nunes (2009) afirmam serem as relativas geradas a partir de uma posição de tópico sentencial. A tendência do PB a se configurar como um língua de tópico⁵ (Pontes, 1987), de acordo com aqueles autores, possibilita uma estrutura menos custosa para a geração de relativas do que as posições no interior da sentença, como as posições de objeto e adjunto (exemplo (46) in Kato & Nunes, 2009).

(9) Este é [o [CP [DP livro_i [DP que t_i]]]_k [CP C [LD t_k [IP você estava precisando pro_k]]]]

Os trabalhos de Correa et al. (2008 e 2009) só vêm a confirmar tal hipótese, mostrando que as relativas de adjunto e de genitivo são as que exigem maior demanda de processamento. E é graças a essa possibilidade de preenchimento da periferia esquerda da sentença que o verbo, ao que parece, tende a concordar com o tópico, conforme é relatado em estudo de Galves (2000). Tal comportamento do verbo pode ser observado na sentença (10), abaixo, colhido nessa mesma autora.

(10) Os relógios **estragaram** o ponteiro.

Casos como esse, ao que tudo indica, estão inseridos em uma tendência do PB de ter a primeira posição da sentença sempre preenchida fonologicamente, como já relatava Pontes (idem) em seu clássico estudo sobre o tópico no PB. Ora, mas o que ocorreria se o adjunto, digamos, um locativo, em uma sentença com verbo meteorológico, subisse à posição de

⁴ Não nos deteremos aqui nos detalhes teóricos abordados pelo autor, mas indicamos o leitor interessado à bibliografia pertinente.

⁵ *Topic-Oriented Languages are characterized by the possibility for the subject of the sentence not to be the external argument of the verb (...). In other words, they are languages in which topics are treated as subjects, independently of their argumental status* (Galves, 2000). [Línguas com Proeminência de Tópico são caracterizadas pela possibilidade de o sujeito da sentença não ser o argumento externo do verbo (...). Em outras palavras, são línguas em que tópicos são tratados como sujeitos, independentemente de seu status argumental. – Tradução livre]

tópico? Ele motivaria a concordância do verbo, mesmo de um verbo que só possui expletivo nulo, como é o caso dos meteorológicos do PB?

Ao que tudo indica, a resposta a esta pergunta é afirmativa, pois Duarte (2007), ainda citando Pontes, trata de exemplos em que um verbo meteorológico e, portanto, impessoal, flexiona-se também em concordância com um tópico, como na sentença (11), ratificando a posição de que mesmo em casos de verbos impessoais o sujeito tende a vir preenchido.

(11) Essas janelas **ventam** muito.

A presença de dados como (10) acima, na língua, tem levado a análises como a de Galves (2000), em que se defende que o traço de pessoa do tópico ficaria acessível para a concordância do verbo. A restrição relacionada a essas sentenças, que envolvem todo/partes, não pode ser estendida para os verbos meteorológicos. Compare (10) acima com as sentenças fornecidas por Galves (2000), retomadas a seguir.

(12) *O relógio estragaram os ponteiros.

(13) O relógio, estragaram os ponteiros dele.

No caso das estruturas relativas com verbos meteorológicos especificamente, parece haver uma carga de processamento envolvida que poderia justificar que se devesse buscar uma outra análise.

3) Experimento: verbos meteorológicos em sentenças relativas

Tendo em vista as afirmações contidas na literatura, brevemente resumidas acima, o presente trabalho buscou verificar, em uma investigação apenas preliminar, *o que ocorreria com a concordância se um verbo meteorológico estivesse no interior de uma relativa, gerada a partir de um tópico*, já que, como vimos, Kato (op. cit.) e Kato & Nunes (op. cit.) afirmam serem as relativas geradas a partir de um tópico sentencial. A concordância iria ocorrer, dada a possível interpretação do tópico como originado a partir da posição de sujeito, a mais prontamente acessível durante o processamento da estrutura?

A fim de responder a tal pergunta, optou-se pela elaboração de um teste psicolinguístico *offline* de produção. Em tal teste, um grupo de sujeitos deveria preencher lacunas em uma sentença conforme um modelo prévio e indicações de que palavras utilizar em cada sentença. O *tipo de oração* (com verbo meteorológico ou com outros verbos), a flexão de *número do antecedente* do pronome relativo (singular ou plural) e o fato de este antecedente vir ou não preposicionado *tipo de antecedente* (DP ou PP) foram tomados como *variáveis independentes*. Foram tomadas como respostas-alvo aquelas em que a flexão do verbo estava em conformidade com o preconizado pela gramática normativa. No caso dos verbos meteorológicos, sempre o singular. A presença ou ausência de preposição retomada junto ao pronome relativo não foi considerada. O número de respostas-alvo constitui a *variável dependente* do experimento.

Método

Participantes

Participaram como sujeitos do experimento 27 voluntários adolescentes e adultos, todos com Ensino Médio completo.

Material

Foram elaboradas oito frases experimentais, sendo duas frases para cada condição, que foram contrastadas com oito frases controle e oito frases distratoras em um questionário. Todas as frases foram apresentadas com lacunas seguidas de informações entre parênteses, sendo que havia quatro frases modelos, seguidas de respostas, no início do questionário, a fim de direcionar a elaboração da atividade. As frases foram, ainda, apresentadas sempre na ordem distratora, controle e experimental, conforme exemplos abaixo. Como todas as frases controle eram relativas de adjunto adverbial e apareciam imediatamente antes das frases experimentais, esperava-se que isso motivasse o voluntário a valer-se da norma padrão na frase experimental que vinha logo em seguida, evitando-se, portanto, um teste tendencioso.

Frase Distratora: Consegui comprar o carro _____ (a minha mulher querer).

Frase Controle: Ele sempre vai às compras no dia _____ (receber seu salário).

Frase Experimental: Há inúmeros problemas nos verões _____ (chover muito)

Procedimento

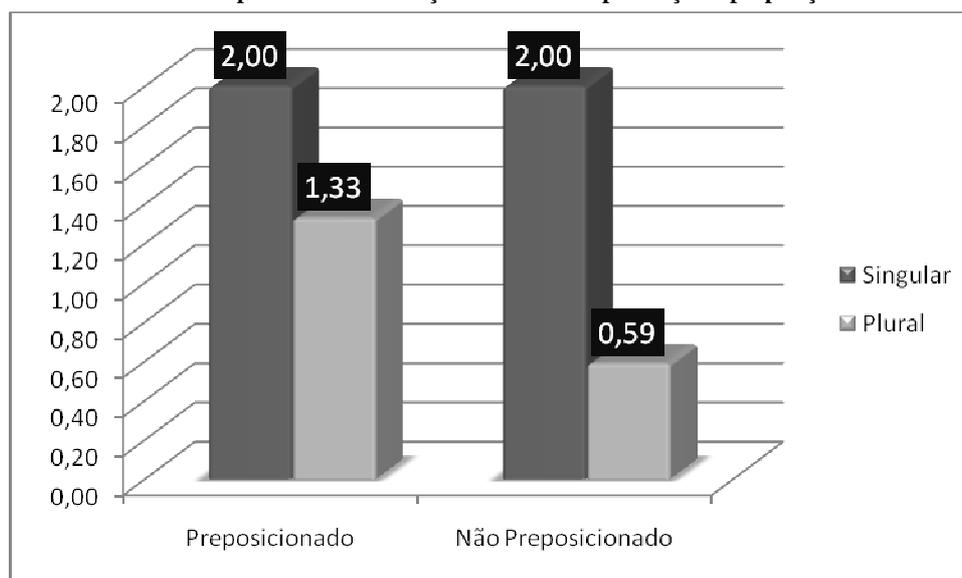
O questionário foi apresentado aos sujeitos em uma aula de redação, na qual estavam acostumados a elaborar exercícios de correção gramatical e deviam atentar para a norma culta da língua. Nada foi dito, antes da elaboração do questionário, sobre a natureza do teste. Pediu-se, apenas, que eles lessem as instruções e fizessem o que era pedido.

4) Resultados e discussão

Após a aplicação dos testes, os dados foram submetidos ao pacote estatístico ezANOVA, revelando efeito principal para os fatores manipulados (*tipo de oração* ($F(1,208) = 92.2$ $p < 0.000001$), com menos respostas-alvo para as orações com verbos meteorológicos (médias: 1,98 contra 1,48), *número do antecedente* ($F(1,208) = 99.2$ $p < 0.000001$), com menos respostas-alvo para a condição plural (médias: 1,99 para o singular contra 1,47 para o plural) e *tipo do antecedente* ($F(1,208) = 12.7$ $p < 0.000465$), com mais respostas-alvo para o antecedente preposicionado (médias: 1,82 contra 1,63).

Houve interação entre os fatores (*Tipo de oração* e *Número do antecedente* ($F(1,208) = 99.2$ $p < 0.000001$), *Tipo de oração* e *Tipo do antecedente* ($F(1,208) = 12.7$ $p < 0.000465$) e *Número do antecedente* e *Tipo do antecedente* ($F(1,208) = 10.2$ $p < 0.001583$), além da interação *three-way* entre *Tipo de oração*, *Número do antecedente* e *Tipo do antecedente* ($F(1,208) = 15.3$ $p < 0.000124$).

A *comparação pairwise* permitiu verificar que há, para a análise em questão, um contraste entre as condições experimentais, isto é, as sentenças relativas com verbos meteorológicos com antecedentes plurais preposicionados *versus* não-preposicionados ($t(52) = 3.68$ $p < 0.0006$). O Gráfico 1, abaixo, ilustra as médias de respostas-alvo (singular, que supostamente deveria ser a resposta mais frequente) em função do número e presença de preposição no antecedente, nas sentenças com verbos meteorológicos.

Gráfico 1: Médias de respostas alvo em função de número e presença de preposição no antecedente

Como se pode ver, a média de respostas alvo quando o antecedente é singular é máxima nos dois casos, com antecedente preposicionado ou não. Em outras palavras, sempre que o antecedente vinha no singular, o verbo no interior da relativa permanecia no singular, o que ocorreu, conforme o esperado, em todos os casos.

No entanto, a média de respostas alvo quando o antecedente é não preposicionado e está no plural é apenas 0,59, muito menor do que quando o antecedente, mesmo estando no plural, é preposicionado (1,33). As médias parecem indicar, portanto, que o status do antecedente (preposicionado ou não preposicionado) influencia na concordância do verbo no interior da oração relativa. Em outras palavras, quando o antecedente não vinha preposicionado e estava no plural, o verbo no interior da relativa teve uma maior tendência a se flexionar no plural, em aparente concordância com esse antecedente. A preposição no antecedente, contudo, parece limitar tal concordância, fazendo com que o falante mantenha o verbo no singular, mesmo sendo o antecedente plural.

Para uma melhor visualização da distinção encontrada, apresenta-se, na Tabela 1, a distribuição percentual derivada da análise por tipos de itens, a qual indica a tendência do falante em flexionar os verbos meteorológicos no plural no interior de orações relativas, sobretudo quando esse antecedente não vem preposicionado.

Tabela 1: Flexão de plural em verbos meteorológicos no interior de orações relativas nas frases experimentais

Status do Antecedente	Verbos no Interior de Relativas Flexionados no Plural
- Prep./+Plural	68,52%
+ Prep./+Plural	33,33%
+ ou - Prep./+Singular	0%

Nas sentenças em que os antecedentes vinham no plural e preposicionados (*Há inúmeros problemas nos verões que chove muito*), menos de metade dos casos apresentou flexão plural (33,3%); por outro lado, nas sentenças em que os antecedentes vinham no plural, mas não eram preposicionados (*...são incomuns os dias que nevam de verdade*), a maioria apresentou flexão plural (68,52%).

5) Breve hipótese explicativa

A leitura da bibliografia sobre o assunto e os dados colhidos nessa investigação preliminar nos levam a crer, portanto, que haveria uma tendência no PB de o tópico estar disparando a concordância do verbo, mesmo em verbos que normalmente não apresentariam essa concordância. Em outras palavras, há uma tendência a se reinterpretar o tópico como sujeito, o que fica evidente quando se tem um tópico no plural, sobretudo quando esse tópico motiva a flexão de um verbo meteorológico.

Ao que parece, esses dados vêm a corroborar a hipótese de que o processamento de relativas de genitivo e de relativas padrão preposicionadas exige uma maior demanda processual, ao que tudo indica, pelo fato de o PB não permitir o movimento apenas do sintagma nominal (*preposition stranding*), movendo todo o sintagma preposicionado, como mostram os trabalhos de Correa et al (2008 e 2009).

Em outros termos, parece que o falante do PB, diante de relativas de adjunto, mais custosas para o processamento, tende a buscar estratégias mais econômicas, ou seja, relativas de sujeito. Essa escolha, porém, fará com que o verbo concorde com o pronome relativo. Então, quando este está se referindo a um antecedente plural, o verbo tenderá a ir para o plural. Essa concordância, no entanto, é limitada caso tal antecedente venha preposicionado. De qualquer forma, não ficou claro, ainda, qual o papel da preposição na limitação dessa concordância, algo que deverá ser investigado em pesquisas futuras.

6) Considerações Finais

O presente trabalho buscou verificar se verbos meteorológicos, ditos impessoais pela Gramática Tradicional, e portanto não possuindo sujeito, se flexionariam no plural, em concordância com um pronome relativo, supostamente reinterpretado como sujeito, correferente a um elemento plural. Conforme tentamos mostrar, essa flexão parece realmente ocorrer, corroborando o Princípio de Projeção Estendido e a hipótese de que a demanda de processamento das relativas de sujeito é menos custosa. Percebemos, também, que o *status* do antecedente do pronome relativo, se preposicionado ou não, influi de maneira significativa nessa flexão do verbo no interior da relativa. Os motivos dessa interferência, no entanto, ainda serão avaliados futuramente.

Referências

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARRILHO, E. Sobre o expletivo “ele” nos dialectos do português europeu. In: GONÇALVES, M. F. *Actas do Congresso Internacional: “500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil”*. Évora: Edições Cosmos, 2000.

_____. Sobre o expletivo “ele” no português europeu. *Estudos de Lingüística Galega*. Vol. 1. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico: Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

CORREA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. A.; MARCILESE, M. Resumptive pronouns and passives in the production of object relative clauses: circumventing computational cost. In: *22nd Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing*, 2009, Davis, CA. Abstracts of the 22nd Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, 2009. p. 148.

_____; AUGUSTO, M. R. A.; MIRANDA, F.V.; MARCILESE, M. Avoiding processing cost: differential strategies in the production of restrictive relative clauses. In: *AMLaP - 2008 Architectures and Mechanisms for Language Processing*, 2008, Cambridge. AMLaP 2008 - Abstracts, 2008. p. 100.

CORREA, V. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2008.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DERWIN, B. L. & ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em linguística. In: MAIA, M. & FINGER, I. (Eds). *Processamento da linguagem*. Pelotas: Educat, 2005.

DUARTE, M. E. L. Termos da Oração. In: Brandão, Sílvia F. & Vieira Sílvia R.. (Org.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 185-204.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GALVES, C. Agreement, Predication, and Pronouns in the History of Portuguese. In: COSTA, J. (Org.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. OXFORD, 143-168, 2000.

KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I. & KATO, M. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. & NUNES, J. A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo. *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia: 2009.

KEENAN, E. L. & COMRIE, B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry* 8, 63-99, 1977.

KENEDY, E. As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de pied-piping. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*. Vol. 2, 2008.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.